

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: _____

Data: 18.03.77

Pg.: _____

IBDF desloca técnico para ver se Funai violou a lei

CCP. 18-3-77
Da sucursal de
CURITIBA

Se o técnico enviado pelo IBDF ao posto indígena de Mangueirinha, no oeste paranaense, a 400 quilômetros de Curitiba, confirmar a denúncia formulada pelo chefe Kaigang Ângelo dos Santos Souza — Kretã —, a Funai poderá ser condenada a pagar multa de 100 mil cruzeiros. Segundo Kretã, a serraria instalada na área pela Funai já derrubou cerca de mil árvores, entre pinheiros e imbuias, de agosto do ano passado até fevereiro, quando, por estar funcionando sem que o IBDF tivesse liberado seu registro, foi obrigada a paralisar as atividades.

Confirmada a denúncia, estará caracterizado o corte ilegal de madeira, o que, segundo o delegado regional do IBDF, Humberto José Jussi, "obrigará a Funai, além do pagamento da multa, à reposição daquilo que derrubou". A reposição é prevista por lei em 4 árvores por metro cúbico de madeira cerrada, o que significa, segundo Jussi, aproximadamente 24 árvores por pinheiro derrubado, de 60 a 80 centímetros de diâmetro.

Há certo consenso de que a serraria instalada pelo Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI) da Funai fixou um limite muito estreito para a sobrevivência dos 130 mil pinheiros que fazem dos 14 mil alqueires do posto de Mangueirinha uma das maiores reservas de pinheiro do mundo. O cacique Kretã,

por exemplo, acredita que "a serraria vai acabar com a floresta em três anos, se mantiver seu projeto de serrar 1.500 dúzias por mês". Opinião idêntica têm o delegado Jussi e o deputado da região, o emedebista Nilso Sguarezi, para quem "a serraria destruirá a reserva florestal de Mangueirinha em 10 anos, ou até menos, uma vez que mesmo a reposição prevista em lei é insuficiente para reflorestar um tipo de árvore que demora mais de 20 anos para se tornar adulta".

Jussi concordou também com o deputado Sguarezi quando este sugeriu a transformação da reserva de Mangueirinha em parque nacional, nos moldes do Xingu, como a única forma de preservar a floresta e manter as condições de sobrevivência para os quase 500 índios, entre Kaigang e guarani, que ali vivem.

AGRICULTURA

No pedido de registro de sua serraria protocolado no IBDF, a Funai anunciou, exclusivamente, o corte de madeira desvitalizada, o que prometeu também aos índios, em julho do ano passado, quando o então dire-

tor do DGPI, João Crisóstomo, foi a Mangueirinha para avisar sobre a instalação da serraria. "Mas ele não cumpriu a promessa", acusa Kretã, revelando que, "de agosto do ano passado até fim de fevereiro, quando a serraria foi paralizada pelo IBDF, eles cortaram no máximo 20 árvores desvitalizadas, e cerca de 1.000 outras árvores boas".

"Nós vivemos bem sem a serraria", acrescenta o cacique Ângelo Kretã, adiantando alguns dados sobre a agricultura praticada pelos índios, como as 6 mil sacas de milho ou as 1.500 sacas de arroz que colherão em 1977, quando também chegarão a ter 300 porcos no mangueirão. Esta produção — que segundo Kretã já "dá para viver muito bem" — poderá ser aumentada. Assim, na áspera entrevista que manteve com o presidente da Funai, em Brasília, no fim do mês passado, Kretã pediu 15 novilhas, uma junta de bois, um caminhão, um trator equipado e a construção de um armazém graneleiro, com o que prevê o aumento da área plantada de 70 para 150 alqueires e o crescimento da produção para 15 mil sacas de milho e 10 mil sacas de arroz.